

EPISTEMOLOGIAS E ENSINO DA HISTÓRIA

Coord.

Cláudia Pinto Ribeiro

Helena Vieira

Isabel Barca

Luís Alberto Marques Alves

Maria Helena Pinto

Marília Gago

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Epistemologias e Ensino da História
(XVI Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)

COORDENAÇÃO

Cláudia Pinto Ribeiro
Helena Vieira
Isabel Barca
Luís Alberto Marques Alves
Maria Helena Pinto
Marília Gago

EDIÇÃO: CITCEM

Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN

978-989-8351-74-6
Porto, 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.



APRENDIZAGEM HISTÓRICA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: NARRATIVAS DE PACIENTES E PROFISSIONAIS DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO SOBRE A TELENVELA GABRIELA

ELISABETE ZIMMER FERREIRA

JÚLIA SILVEIRA MATOS

Laboratório Independente de Estudos em Ciências Humanas (LABEC) – Universidade Federal do Rio Grande

RESUMO: Para pensarmos esta pesquisa devemos ter em mente que a aprendizagem histórica não é unicamente propriedade do sistema escolar e como tal não se finda neste espaço. Está relacionada a historiografia e a forma com que se ensina história, mas sobretudo, diz respeito a consciência histórica surgida no cotidiano. A televisão é parte deste cotidiano e dentre a sua programação destacam-se as telenovelas, que inicialmente tiveram um caráter voltado a diversão, mas na década de 1980 tomaram o rumo da intervenção. Toda telenovela se constitui como uma narrativa, na qual os telespectadores encontram um padrão de identificação com suas próprias vidas, que mobiliza a discussão e a reflexão. Objetivamos identificar os saberes construídos pelos participantes da pesquisa e como se processou a aprendizagem histórica e suas representações sociais, a partir da experiência televisiva com a telenovela Gabriela. Adotamos o método de estudo de casos múltiplos, que foi sustentado nas técnicas de entrevista complexa e análise de conteúdo. Obtivemos como resultados os seguintes saberes construídos: casamento, mulher e violência. Concluímos que não é o conteúdo em si ou a quantidade deste que incide sobre a educação histórica, mas a necessidade de orientação sobre determinado assunto que desencadeia o processo de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: *Historiografia, Aprendizagem Histórica, Narrativas.*

Ao investigar as relações dialéticas entre uma cultura histórica construída através da historiografia sobre os conceitos de coronelismo e clientelismo e a narrativa de pacientes e profissionais do Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande – FURG sobre a telenovela Gabriela, e, essa como meio de massificação da aprendizagem Histórica constatamos, nas narrativas dos participantes a compreensão dos conceitos propostos. Além disso, as narrativas mostraram o alargamento dos assuntos abordados para outros temas vinculados a temática central, os quais revelaram uma percepção ampliada da sociedade e da condição da mulher na época representada na telenovela. Tais percepções não puderam ser deixadas de lado por nós. Ao contrário, se constituíram como mais uma questão a ser estudada, a qual apresentamos nesse trabalho.

Partimos do pressuposto de que ocorre aprendizagem histórica além dos ambientes formais de educação, e validamos nossa hipótese nas análises teóricas de Jörn Rüsen, o qual defende que a aprendizagem histórica “é a consciência humana relativa ao tempo, experimentando o tempo para ser significativa, adquirindo e desenvolvendo a competência para atribuir significado ao tempo” (RÜSEN, 2010a: 79), a qual se revela por meio da narrativa. O autor ainda afirmou que: “O aprendizado histórico pode ser posto em andamento, portanto, somente a partir de experiências de ações relevantes do presente” (RÜSEN, 2010b: 44).

No nosso caso, as experiências invocadas por Rüsen devem ser percebidas como a experiência televisiva, na qual os telespectadores experimentaram uma vivência, no seu presente, que estava além do real. Ou seja, eles foram capazes de gostar ou odiar os personagens da trama, falar e discutir sobre eles como se fossem reais, mesmo que Consulta realizada tivessem total entendimento de que eram fictícios. O enredo novelístico durante sua veiculação na televisão passou a fazer parte das vidas dos telespectadores, e, portanto, promoveu “experiências de ações relevantes do presente”, como expresso pelo autor.

Neste ponto destacamos que o aprendizado se processa de duas formas. Uma é a experiência da práxis, a qual se dá no cotidiano e a outra, a escolar, experiência esta que não queremos de forma alguma negar, apenas demonstrar que o aprendizado histórico pode ocorrer também por meio de elementos presentes em parte de nossas atividades diárias, como a televisão. Ressaltamos que aprendemos com o que nos é e nos foi posto, no caso deste estudo com a telenovela, e com os outros, tal qual outros aprendem conosco. Isso ocorre porque o ato de assistir os capítulos da telenovela gera um aprendizado, mediante decodificação de uma mensagem, bem como o debate acerca da mensagem já decodificada pelo telespectador

norteado por sua própria cultura, com outros telespectadores que também imprimem seus pontos de vista no momento do repasse da mensagem (THOMPSON, 2009a).

Sobre o aprendizado histórico é preciso enfatizar que ele tem início a partir de experiências relativamente importantes no presente do aprendiz, momento no qual suas carências de orientação são transformadas em questionamentos a respeito do passado, revelando assim, o potencial da experiência da memória histórica. Isto demonstra que aprender história é mais que acumular conteúdos, mas elaborar respostas a questionamentos provenientes de conhecimentos prévios, sendo estas respostas tomadas por seu aprendiz como fator de determinação de orientação para a vida prática (RÜSEN, 2010a).

Outro fator a ser pensado é que o aprendizado histórico pode ser parcial quando visto somente como processo cognitivo, já que é determinado também por pontos de vista emocionais, estéticos, normativos e de interesses do próprio sujeito (RÜSEN, 2010b). Diante desta premissa, consideramos relevantes algumas partes das narrativas dos participantes da pesquisa que ultrapassaram a temática do coronelismo/ clientelismo, pois houve evidência da construção de saberes para além destes, os quais apontaram para uma nova temática, a sociedade, como já referido.

Com isso, estabelecemos o seguinte objetivo: identificar os saberes construídos pelos participantes da pesquisa e como se processou a aprendizagem histórica e suas representações sociais, a partir da experiência televisiva com a telenovela “Gabriela”.

Utilizamos como metodologia o estudo de casos múltiplos, o qual obedece a lógica da replicação evidenciando os fenômenos pelos quais a aprendizagem histórica se processa, visando observar além da trajetória e da repercussão de seus fenômenos, seus efeitos em todo seu contexto (YIN, 2011). O método teve como suporte a entrevista complexa e análise de conteúdo. Destacamos que a entrevista complexa, é uma técnica que orienta um diálogo com um determinado propósito, que se caracteriza como promotora da abertura e aprofundamento em uma comunicação, trazendo perguntas abertas, as quais permitem que o entrevistado exponha suas opiniões sem uma determinada condição pré-estabelecida (POPE, MAYS, 2009), portanto nos possibilitou a coleta dos dados. Já, a análise de conteúdo, uma técnica muito utilizada na análise de textos, divide-se em três fases: 1) Pré análise, 2) Exploração do material e 3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação (BARDIN, 2011), nos permitiu realizar uma análise detalhada de cada narrativa investigada.

Logo que procedemos a releitura das narrativas, tendo por temática a sociedade, constatamos que alguns participantes demonstraram ter experienciado situações semelhantes

às apontadas na telenovela. Em geral, estas situações estiveram postas em suas narrativas como conteúdos aprendidos tendo a telenovela como instrumento de aprendizagem histórica. Os saberes construídos pelos participantes acerca da temática sociedade foram esquematizados no gráfico a seguir.



GRÁFICO 1 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática sociedade na narrativa dos participantes, Rio Grande – RS, 2014.

Nesta temática observamos que o processo de aprendizagem não foi uniforme em todos os saberes construídos, fato também evidenciado na temática coronelismo/clientelismo. Deste modo, novamente ilustramos, por meio de gráfico a construção individual dos saberes históricos orientados na telenovela “Gabriela”.

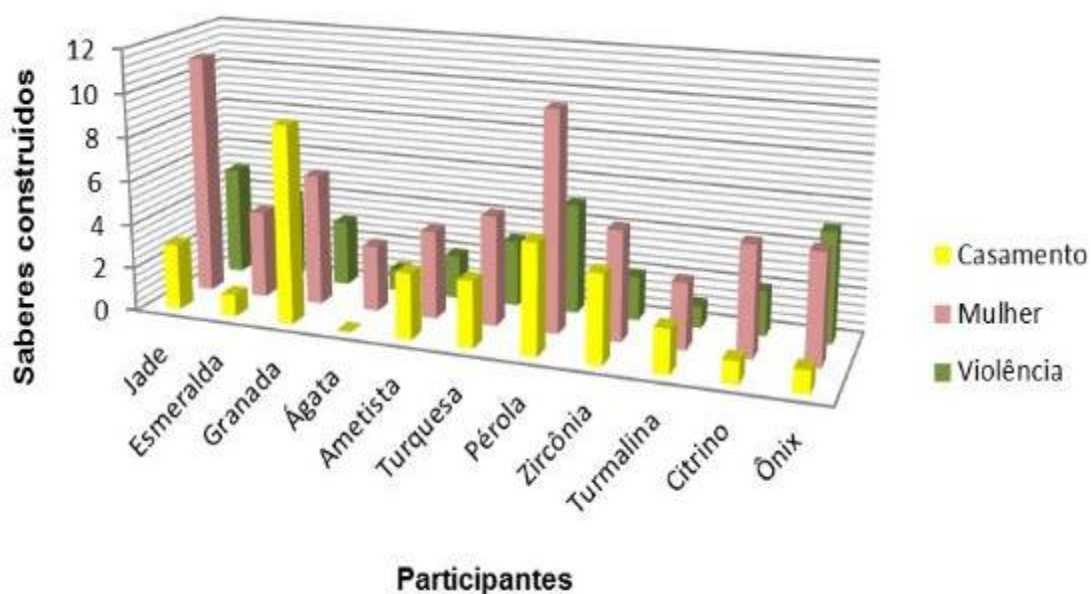


GRÁFICO 2 – Comparativo entre os Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática sociedade na narrativa dos participantes, Rio Grande – RS, 2014.

Por meio das narrativas dos participantes constatamos que a lógica do diálogo entre os saberes construídos pelos sujeitos da pesquisa e a historiografia se estabeleceu, mesmo não tendo sido apresentada de forma fundamentada na telenovela. Deste modo, os telespectadores mesmo sem saber qual foi o suporte de Walcir Carrasco (autor da telenovela) para compor sua narrativa histórica, identificaram os temas destacados pelo autor como definitivos e históricos. Mesmo tendo ciência que “Gabriela” não é o real e, sim, uma representação de uma história, inspirada na obra ficcional de Jorge Amado, na qual foi encenado um período de nossa história, identificamos a apreensão por parte dos participantes de conteúdos históricos, bem como sua interpretação, o que lhes possibilitou uma aplicabilidade em sua vida cotidiana.

Na temática Sociedade notamos a unanimidade dos participantes na construção dos saberes mulher e violência. Além destes, foi também construído o saber sobre o casamento. Assim, reafirmamos a ideia inicial desta pesquisa, pois a aprendizagem histórica se processa também em ambientes externos aos formalizados como espaços de educação. Deste modo, passamos a seguir a discussão da categoria Mulher a qual apresentamos mediante as unidades de referência que a construíram de modo a mostrar processo de aprendizagem e consciência histórica de cada um dos participantes de forma individual.

MULHER

A mulher foi percebida de forma multifacetada pelos participantes, sendo-lhe atribuídos diferentes papéis na sociedade. A seguir discutem-se as construções individuais sobre a mulher.

De acordo com Jade:

Naquela época a mulher não tinha contato com dinheiro, pelo menos eu tive essa visão da novela, tanto que quando os pais da Lindinalva morrem, ela não sabe lidar com dinheiro e provavelmente a mãe dela também não sabia porque o pai é que lidava com o dinheiro. A mãe também não ia trabalhar no comércio por causa do que a sociedade ia dizer, e, aí quanto ocorre a morte dos pais ela não sabia o que fazer (Jade)

Para Jade a mulher estava numa posição de dependência do marido ou do pai, fato este construído a partir do acidente e morte dos pais da personagem Lindinalva. Jade explicou que a mulher que gozava de uma posição mais elevada na sociedade não trabalhava, pois isto não seria de bom tom para a sociedade, motivo pelo qual mãe e filhas ignoravam assuntos monetários. Jade percebeu a mensagem veiculada na telenovela, a qual esteve de acordo com

dados historiográficos, pois em 1900 as mulheres correspondiam a 45,3% da população economicamente ativa no país, percentual que caiu em 1920 e 1940, mantendo-se em torno de 15,3% e 15,9%, respectivamente e a administração do lar sucumbiu ao seu caráter social tornando-se um serviço privado, sendo a mulher sua primeira-criada (MARIUCCI; NALESSO, 2006). Este fato mostrou que mulher que tinha condições de sobrevivência, retornou ao lar para cumprir sua função de dona de casa, situação que a colocou numa posição de dependência de seus mentores homens.

Na atualidade para Jade:

Muda a questão da mulher não mandar no seu próprio dinheiro, pois antes a mulher saía das ordens do pai e passava para as do marido, na novela mostra isso. A mulher casava e o marido passava a mandar, então ela saía do domínio do pai para o do marido, inclusive no dinheiro.... Ainda tem uma certa submissão por parte da mulher. É claro que isso mudou porque a mulher ocupou espaço. Primeiro começou a trabalhar, a casar com quem amava, depois a estudar, aí conforme ela estuda ela vai ter uma profissão. A gente vê que muitas mulheres já trabalham e tem boa remuneração, só que a submissão ainda continua... eu acho que isso é cultural ... (Jade)

Jade considerou o passado e a posição que a mulher ocupava nesse passado reconhecendo a mudança, que caracterizou a narrativa como genética, pois estas remeteram as transformações de modos de vida. Sua capacidade de avaliar a mudança nos processos históricos, percebendo as diferenças entre o presente e o passado, ao mesmo tempo que compreendeu que as próprias transformações como fruto de uma longa trajetória de reivindicações, revelou um tipo de consciência histórica genética, que tem em seu eixo central a mudança como "... a essência e o que dá à história seu sentido" (RÜSEN, 2010c: 68). Isso porque no tipo genético de consciência histórica o princípio da significação da história para o sujeito é a percepção do desenvolvimento dos processos históricos, nos quais as mudanças, ocorrem de forma ordenada.

Todavia, Jade salientou que na atualidade a mulher se mostra submissa ao homem, porque estabelece uma relação de dependência emocional com ele. Para a participante isso é cultural, logo ela demonstrou sua orientação para aceitação de pontos de vista distintos, os quais novamente caracterizam a consciência genética (RÜSEN, 2010a).

Granada apresentou em sua narrativa a interpretação referente à mulher na sociedade.

Eu vejo um desenvolvimento muito grande, principalmente dos anos 80 para cá.... Hoje eu vejo que as mulheres estão se inserindo mais no mercado de trabalho, tendo uma representatividade bem maior, tem mulheres com salários bem maiores que de alguns homens.... Não vejo a mulher se preocupando tanto com o casamento (Granada)

Ao relacionar os fatos sobre a mulher representados em "Gabriela" a participante demonstrou a operação mental da experiência, pois apreendeu fatos históricos e reconheceu a diferença temporal do presente e do passado (RÜSEN 2010a), aqui postas como as cenas

exibidas em “Gabriela”. Além disso, Granada reduziu a diferença temporal entre as temporalidades envolvidas (RÜSEN 2010a) ressignificando os fatos apresentados na telenovela.

Granada explicou que o desenvolvimento a partir de 1980 incidiu diretamente sobre a situação social da mulher, pois ela inseriu-se mais no mercado. De acordo com a historiografia recente, a mulher teve sua participação marcada no mercado de trabalho já no início do século XX, momento em que a mão de obra feminina correspondia a 45,3% da população trabalhadora. Porém, em 1920, este número reduziu para 15,9% permanecendo em torno disso até 1970, período que se caracterizou por maior abertura ao mercado trabalhista para as mulheres, fato que ocorreu em função do desenvolvimento econômico e da decadência dos níveis de renda real nas camadas mais pobres e médias inferiores. Assim, em 1991, as mulheres no mercado de trabalho equivaliam a 38,85%, porcentagem que subiu para 43,9% em 1992 (MARIUCCI, NALESSO, 2006).

Conforme Granada, quando a mulher retornou ao mercado de trabalho, aumentou seu poder aquisitivo, reviu sua postura frente ao casamento e solidificou seu poder decisório. Esta explicação apontou uma consciência genética a qual tem por fundamento a mudança, ou seja, o argumento de que os tempos mudam, pois não há uma negação total do passado (RÜSEN 2010a), mas a compreensão de que a situação da mulher mudou.

A submissão feminina e a luta feminina foram os conteúdos apreendidos pela participante Ágata:

Tem também aquela questão da menina que luta muito, da Malvina, isso me chama atenção, a luta que a mulher teve para tentar conquistar um espaço igual, o que não é nada além de ter os direitos dela. Isso, nessa novela, está muito relacionado com a história. Eu acho que eu percebo mais as coisas da novela hoje pela própria novela e aliada ao fato de eu estar mais velha, pela minha experiência de vida, pelas vivências e por poder refletir sobre o que aquilo ali está te mostrando. (Ágata)

Observamos que Ágata avaliou sua própria interpretação sobre as cenas de “Gabriela”, atribuindo sua interpretação a sua experiência de vida. Isso que ela tem ciência de sua cultura histórica, que é o campo em que o potencial de racionalidade atua na práxis da vida, configurando-se como o espaço em que o indivíduo interpreta o mundo e a si mesmo através da constituição de sentido das experiências temporais, incidindo diretamente sobre a consciência histórica (RÜSEN, 2010b). A partir disso percebemos aproximação temporal entre o passado representado na telenovela e o presente vivido:

...infelizmente o que eu penso disso até os dias de hoje é que a mulher continua submissa, a mulher ainda é vista como menor, como menos, claro que com bem menos clareza, porque naquela época isso é escancarado. Ainda hoje, as profissões femininas são as que têm remuneração menor, tem menor

importância digamos assim, as profissões que tem um predomínio do sexo feminino são aquelas que tem menos valor, entre aspas, as professoras, as enfermeiras, são profissões predominantemente do sexo feminino e elas aparecem muito menos valoradas socialmente, culturalmente (Ágata)

Ágata demonstrou certa negatividade ao interpretar a situação da mulher na sociedade. Para isso, ela utilizou-se das cenas de “Gabriela”, que corresponderam a experiência do passado, ressignificando-as no presente a fim de determinar sua orientação (RÜSEN 2010a). Para ela, a mulher ainda está em posição de submissão social, principalmente no que tange ao mercado de trabalho, pois profissões que são predominantemente femininas permanecem sendo menos valorizadas.

De acordo com a historiografia recente isso é histórico, pois segundo Mariucci e Nalesso (2006), em 1941 a legislação vigente permitia menor remuneração às mulheres, sendo que elas poderiam receber de 10% a menos que os homens. Outro dado apontado por esses autores é que as mulheres são mais qualificadas profissionalmente, porém permanecem tendo salários inferiores ao dos homens, sendo que 71,3% da população feminina têm renda inferior a dois salários-mínimos e só 9,2% da população feminina ativa recebem valores que ultrapassam a cinco salários-mínimos.

Na narrativa de Ágata percebemos uma consciência histórica do tipo exemplar, a qual tem como ponto chave as regras, onde as experiências do passado se apresentam como regras gerais de conduta humana (RÜSEN, 2010a). Diante disso, revelou-se sua orientação na práxis da vida, por meio de um sentimento de impotência e, até mesmo, de crítica à desigualdade e a falta de reconhecimento da mulher no mercado de trabalho.

Ametista relacionou a telenovela a sua experiência familiar.

Eu acho que a novela representa o que se viveu naquela época, e que nossas famílias passaram por alguma coisa semelhante. O pai mesmo nunca deixou a mãe trabalhar, era cultura da época dele, “não quero que tu trabalhes”, e ela se submetia, isso era cultural. Isso a gente não consegue ver naturalmente, mas sabe que aconteceu (Ametista)

Ametista evidenciou um ganho no seu processo de aprendizagem, pois mesclou temporalidades diferentes. Isto é, ela refletiu sobre seu passado histórico, representado pela memória de sua própria vivência, a infância (RÜSEN, 2012), aqui representado pela memória do pai não permitir que sua mãe trabalhasse e pela submissão da mesma ao marido. Observamos que a experiência da telenovela desencadeou o uso de três temporalidades, a do coronelismo representado na telenovela, a da infância do próprio participante e a da atualidade. Sobre isto, Rösen (2012), afirmou que há um aumento no processo de aprendizagem de forma qualitativamente ao se perceber que dentro da temporalidade do passado são percebidas outras temporalidades próprias, visto que cada época tem o seu próprio perfil.

A partir disso, Ametista revelou sua consciência histórica, como genética, pois entendeu a situação da mulher no passado, mas disse que não consegue aceitar naturalmente. Ou seja, Ametista não negou simplesmente a vivência da mulher no passado; para ela houve uma mudança cultural, que afetou os padrões de comportamento.

Pérola citou uma passagem da telenovela trazendo um novo saber, que foi partilhado por Zircônia:

... o que aconteceu com a Lindinalva é que o Berto faz ela se entregar para ele antes do casamento, mas a velha não deixou depois ele casar com a coitadinha a onde ela vai para num cabaré. É como te digo, moça naquele tempo que se entregava e se descobriam não tinha mais amizade... (Pérola)

“Naquela época se a mulher se entregasse antes do casamento, ela ficava malvista e falada, não tinha mais para onde seguir, que rumo tomar depois de dar esse mau passo, vamos dizer assim” (Zircônia).

Ambas as participantes salientaram o tema da virgindade e explicaram que no período representado a virgindade era de suma importância para a mulher, por que, se não se guardassem para o casamento seriam malvistas socialmente.

Entre os anos de 1940 e 1960 as moças solteiras tinham sua honestidade definidas por três pilares: 1) condição ou reconhecimento social, 2) característica moral e 3) estado fisiológico. Logo, a mácula em qualquer um destes repercutia imediatamente sobre a honra da moça. Porém, “a ruptura do ‘selo’ fisiológico era de longe o mais danoso, por ser considerado o seu único dote natural irreparável” (SANTOS, 2008: sp).

Nesta época, havia uma hierarquia da sexualidade, a qual determinava a postura e o destino sexual de cada gênero. A partir daí se constituiu que tanto homens quanto mulheres deviam portar-se de modo a não ultrapassar os limites socialmente prescritos a fim de ter um bom casamento. Nessa conjuntura, destacava-se o desejo dos homens em precipitar as relações sexuais, os quais eram confrontados pela obsessão da virgindade das moças, momento em que eles ultrapassavam os limites argumentando sobre a necessidade da comprovação da virgindade da parceira, ou pediam a ela a “prova de amor”. Após a cedência da moça surgiam dúvidas sobre sua postura moral, pois seria arriscado casar-se com uma mulher que se revelou fácil (SANTOS, 2008).

Observamos que o conteúdo histórico exibido por meio das cenas de Lindinalva e Berto foi apreendido pelas participantes de modo que ambas compreenderam que as cenas da telenovela representaram o comportamento social esperado para homens e mulheres num período de tempo diferente do atual, fato que denotou a operação mental da experiência. Além disso, elas ressaltaram fatos que podem ter passado despercebidos pelos outros participantes, o que nos fez refletir sobre o nível de atenção que dedicaram a narrativa histórica presente em

“Gabriela”. Deste modo, é relevante pensar que o aprendizado histórico é estimulado por necessidades de orientação de indivíduos ativos e passivos, quando submetidos a experiências desconcertantes, onde se deve lembrar o fascínio que o passado exerce sobre os sujeitos (RÜSEN, 2010b), fato este que explicou a apreensão detalhada dos fatos históricos representadas na trama de “Gabriela”.

De acordo com Zircônia:

Hoje a mulher é criada diferente, aqui em casa nós fazemos questão que as nossas filhas estudem, que tenham como sobreviver independente ou não de casarem... eu vivo esse outro lado diferente do que que vivi na minha infância. A sexta série era de noite e meu pai dizia que as filhas dele não podiam sair de noite. Agora, com as minhas filhas eu e meu marido damos muita força para elas estudarem. (Zircônia)

Zircônia explicou que a mulher de hoje é criada diferente. Destacou que em sua casa a educação é incentivada, coisa que lhe foi negada na infância e que, portanto, vive atualmente uma experiência distinta da que viveu na infância, momento em que teve que abandonar a escola por imposição do pai. Notamos que Zircônia reafirmou sua ideia de mudança e suportou novamente seu entendimento da mudança social na própria experiência, ou seja, nas recordações de sua própria história. A participante comparou sua vivência passada com a atualidade e apresentou a partir daí uma consciência histórica aprimorada pela sua própria experiência no tempo, bem como sua orientação para a vida prática, através da oferta de uma educação diferente as suas filhas.

Conforme Rüsen (2010a), a consciência histórica expressa sua função de orientação na narrativa histórica. Assim, classificamos a narrativa histórica de Zircônia e Perola como genética, pois de acordo com os pressupostos de Rüsen, as participantes apresentaram uma retomada do passado e não a sua pura negação. Para a participante houve a percepção de uma evolução, ou seja, uma reconstrução do papel social da mulher de modo a alcançar padrões mais aceitáveis, sendo que Zircônia se baseou no e na compreensão da transformação da mentalidade social para construir sua orientação para o presente e o futuro.

VIOLÊNCIA

A violência foi um saber amplamente ressaltado pelos participantes da pesquisa. Esteve presente na questão eleitoral e na social, instância esta que se debruçou sobre o sujeito feminino. Voltamos então a destacar que usamos a definição de violência concebida por BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO. Ainda segundo estes autores, “... Exerce Violência quem tortura, fere ou mata; quem, não obstante a resistência imobiliza ou manipula o corpo de

outro; quem impede materialmente outro de cumprir determinada ação. Geralmente a Violência é exercida contra a vontade da vítima...” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998: 1301). Diante disso, entendemos que o conceito de violência foi apreendido pelos participantes e percebido como uma constante na vida de algumas mulheres representadas em “Gabriela”.

Para Esmeralda e Turquesa a atualidade se mostra um pouco diferente. Esmeralda reconheceu a violência contra a mulher na fala: “depois que o Jesuíno matou a esposa, ele buscou casar de novo porque ele queria filhos e a Sinhazinha não tinha filhos e isso era um problema na época” (Esmeralda). E Turquesa trouxe a seguinte narrativa:

... existia tanta violência contra a mulher naquele período ... não tinha leis que a protegessem porque a sociedade retratada era predominantemente paternalista, masculina. Esses homens faziam leis para defesa de si próprios, desse modo a mulher não tinha nenhuma representatividade na sociedade, assim a violência era com certeza uma forma de opressão (Turquesa)

No entanto, nas próximas falas, Esmeralda e Turquesa revelaram uma visão que a atualidade é diferente:

... hoje existem leis, uma punição prevista para quem desrespeita essas leis, o que antes não existia, pois era possível matar em prol da honra... a mulher ainda sofre muita violência calada, por medo, por submissão, por dependência financeira, afetiva... estão existindo mudanças, mas que ainda é um passo muito pequeno, porque hoje mesmo tendo a lei Maria da Penha, a mulher ainda é agredida porque não há um policial 24h na porta dela (Esmeralda)

Hoje ainda tem violência contra a mulher como mostrava a novela ... hoje a gente vê campanhas que querem definir qual a roupa que a mulher tem que usar, mas em afronta se vê outras, que mostram o rompimento com aquele tempo, como essas que estão circulando na internet, aquelas que as mulheres apareceram nuas e colocaram dizeres que não mereciam serem estupradas, e a própria lei Maria da Penha. A televisão também surge como um ícone para que as mulheres e não só elas, mas a sociedade como um todo, possam demonstrar esses micro rompimentos que são os geradores da mudança (Turquesa)

Nas narrativas de Esmeralda e Turquesa observamos a competência para integrar as ações violentas contra a mulher, “em um conceito de tempo que une aquele antigo período com o presente dando uma significação de peso histórico” (RÜSEN, 2010a: 60) para as ações de violência de homens para com as mulheres. Ou seja, elas compararam as ações de violência praticadas no passado com as atuais e conceberam uma mudança mediante o destaque que deram a existência de leis que antes não existiam e ao fato da sociedade buscar a punição dos agressores. Isso se caracterizou como a “evolução do direito de uma forma pré-moderna a moderna” (RÜSEN, 2010a: 60). Com isso, Esmeralda e Turquesa negaram a validade da ação violenta contra a mulher sem maiores efeitos, pois hoje existe uma legislação que protege a mulher.

Esmeralda e Turquesa citaram a Lei Maria da Penha, a qual:

... cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (BRASIL, Art. 1, 2006)

Entendemos que houve uma transformação na legislação brasileira, pois o poder público buscou erradicar a violência contra a mulher estabelecendo medidas assistenciais e de proteção às mulheres que de alguma forma sofreram violência, como foi mencionado por Esmeralda e Turquesa, fato que veio a corroborar na aprendizagem histórica de ambas, pois conforme Thompson (2009b) as participantes decodificaram a mensagem midiática e resignificaram a experiência passada, de modo a conduzir sua consciência histórica para o tipo genético, pois evidenciaram um raciocínio moral onde a mudança temporal se converte em um elemento decisivo para a validade dos valores morais.” (RÜSEN, 2010a). Assim, a questão da validade da violência contra a mulher perdeu o seu valor e deu lugar a outra forma de comportamento.

Ônix também destacou a violência e o assassinato.

A novela representa bem a época do coronelismo por retratar a agressão à mulher, que era um tanto desvalorizada, Naquela época, ele matou ela para defender a própria honra, em defesa da honra dele, ele assumia que havia matado a esposa, e existia uma convivência na justiça, e a lei era burlada (Ônix)

Ônix entendeu que a mulher era um ser desvalorizado e visto como um objeto pelos coronéis. Era restrita ao lar, pois para os homens da época a vida pública poderia oportunizar relacionamentos. Contudo, dona Sinhazinha, esposa do coronel Jesuíno, o traiu. Sua morte, segundo o participante, foi tratada como crime de morte, aceito socialmente como forma de defender a honra. Mas, aqui surgiu um dado que diferenciou sua aprendizagem da dos demais participantes, pois ele afirmou que a lei na época era burlada, já que havia uma convivência da justiça. Destacamos que para o participante o crime de honra no período representado na telenovela já se constituía como uma ilegalidade. Diante do exposto, inferimos que o participante tinha conhecimento sobre uma legislação que buscava coibir este tipo de ação.

De acordo a historiografia, entre 1910 e 1940 era comum os homens vingarem sua honra manchada através do assassinato das mulheres que haviam cometido os chamados ‘crimes de amor’. A partir de 1910 surgiu uma campanha contra esses crimes que perdurou até 1930, a qual acompanhou uma grande preocupação social, pois os referidos crimes, mesmo que não fossem um fenômeno novo, tornaram-se ameaçadores. Outro fato, é que as próprias mulheres começaram a investir sobre seus agressores (BESSE, 1989)

Então, em 1940, a campanha surtiu efeito e o código penal foi revisado. Desse modo, a emoção e a paixão deixaram de ser considerados atenuantes da responsabilidade criminal (BESSE, 1989). No entanto, esse mesmo autor revelou que os advogados encontraram uma brecha para burlar a lei alegando que seus clientes eram honestos e não se constituíam em um perigo para a sociedade. Com isso, os assassinatos continuaram ocorrendo sem que houvesse muita repercussão (BESSE, 1989). Assim, o saber construído por Ônix se sustentou historiograficamente.

Os casos de violência contra a mulher, eu conheço por parte de experiência com familiares, e sei que esses casos diminuiram muito hoje, mas, uma mulher que tenta denunciar um agressor, volta atrás por necessidade, por se sentir com medo, ameaçada.... Hoje os homens são julgados, pela morte da esposa, da companheira, então o homem tem medo, pois ele terá de pagar na justiça, pois a lei é cumprida, e não burlada como antigamente (Ônix)

Ele alegou que os casos de violência contra a mulher diminuiram, saber este edificado mediante experiência com seus próprios familiares. Destacou também que mesmo a mulher tendo condições de sair desta situação de violência doméstica, permanece sendo agredida, para continuar com o parceiro que a agride, pois, mesmo seu lar sendo um ambiente violento se constitui como zona de conforto. Ele revelou ainda que hoje os homens têm medo da lei, pois ela é cumprida.

Em sua narrativa notamos a apreensão dos fatos do passado e o uso de saberes próprios para decodificá-los, revelando que a mensagem exibida pela mídia é decodificada de forma distinta pelos receptores, pois estes a interpretam de acordo com a sua cultura (THOMPSON, 2010b). Logo, a construção do saber embasado na telenovela esteve vinculada ao conhecimento das leis do passado. Percebemos também sua compreensão sobre uma transformação dos padrões sociais. Porém, para o participante, a violência, mesmo que em menor escala permanece como uma regra para alguns homens e que isso provém de uma cultura que visa dominar a mulher e que rege o imaginário de alguns homens.

Ametista, manteve a linha de pensamento de Ônix referente à legalidade da punição com a morte as mulheres adúlteras, conforme a fala a seguir:

Era assim mesmo, a mulher que era adúltera tinha que pagar, era normal a mulher apanhar do marido. Até a cena que eu me lembro, quando o Jesuíno, ele a mata, ele vem descendo as escadas todo mundo está ali assistindo e ninguém fala nada. Até a Dorotéia acha muito bem feito ... A própria mulher sofria violência, era permitido ao homem o direito de matar, de bater (Ametista)

Para Ametista, na época representada na telenovela era cultural o homem traído assassinar suas esposas, pois isso era aceito socialmente. Ametista ressaltou que até as mulheres viam com naturalidade essa prática

Granada relatou a violência sexual do marido com a esposa na fala:

Jesuíno que representa bem a figura forte do homem dominante da família, onde todos os dias praticamente ele estuprava a mulher, o estupro mostra a questão de a mulher não ter vontade na relação sexual. (Granada)

Em se tratando de coronelismo, a mulher nada mais seria que um objeto com identidade diferente da masculina que estava ali para satisfazer o homem. Assim, a mulher seria um ser do qual o homem se apoderaria, já que tinha uma anatomia diferente e complementar a sua no sentido do prazer. (SANTOS, 2006).

Diante disso, entendemos que no período coronelista o homem podia usufruir do corpo da mulher para sua satisfação sexual, pois nada mais era que um objeto para isso. Com isso, percebemos que apesar de entender que há uma diferença temporal entre o que a telenovela exibiu, Granada imprimiu um conceito atual às cenas mostradas na telenovela, pois estas, apesar de grotescas não seriam consideradas como estupro, mas uma relação normal entre homem e mulher, já que a função da mulher era de satisfazer sexualmente o seu marido.

A violência era uma coisa muito intensa, principalmente porque a mulher passava a ser uma propriedade do homem no momento que ela casava. O pai deixava de ter ela como propriedade e passava para o marido, então ele se achava no direito de violenta-la de estupra-la, de agredi-la porque ela era uma propriedade. Ela não era vista como um ser humano com desejos, anseios, vontades, não era uma pessoa que pudesse dizer em qualquer momento eu não quero mais porque era uma propriedade. (Granada)

Além de um objeto sexual, como já descrito anteriormente, cabia à mulher no período coronelista, a função de mãe, momento em que desempenharia o papel de guardiã de suas filhas, as quais em momento algum poderiam estabelecer relações de enfrentamento às ordens do pai sob pena de serem submetidas às ações severas do mesmo, ou seja, sua violência (SANTOS, 2006).

Percebeu-se que Granada apreendeu que o homem via a mulher como sua propriedade, provindo desta visão o seu direito de empreender contra sua pessoa com ações violentas. No entanto, ao comentar sobre o estupro, a participante imprimiu um conceito atual, demonstrando confusão no que tange a este conceito, portanto, não assimilando que esta forma de prática sexual entre marido e mulher era aceitável do passado. A seguir, Granada complementou sua narrativa:

Hoje mudou, mas ainda há permanências bem fortes, tanto que alguns maridos ainda continuam agredindo esposas, não só maridos, mas homens em geral. Até hoje os homens criam em alguns aspectos estereótipos para as mulheres que são muito liberais.... Então, se tu fores pensar, mantêm-se alguns traços muito fortes do passado (Granada)

Para Granada houve uma mudança na situação da mulher atual, porém ainda há resquícios de violência contra a sua pessoa e que são criados estereótipos para as mulheres que fogem a padrões pré-estabelecidos. Porém, ela não deixou clara essa mudança, enfatizando que a violência persiste. Desse modo, inferimos que para Granada a violência ainda se constitui como uma regra, como uma continuidade deste passado.

Isso denotou uma narrativa crítica, pois a participante compreendeu que a violência também se fazia presente nas relações sexuais. Contudo, Granada não demonstrou entender que esta era uma prática aceitável, já que imprimiu o sentido atual de estupro ao tratamento do marido para com a mulher no momento da relação sexual numa época distinta da atual. Em contrapartida foi mencionado que a violência contra a mulher persiste. Assim, podemos dizer que a aprendizagem histórica nesta narrativa seria do tipo crítica, pois a operação mental da experiência, que pressupõe apreensão do conteúdo (RÜSEN, 2010a), se realizou. Porém, ao usar o conceito atual de estupro e negar as práticas sexuais do passado como situações aceitáveis, Granada processou a operação mental da interpretação que é propulsora para a orientação para a vida prática (RÜSEN, 2010a), posicionando-se criticamente ao tratamento violento dispensado a mulher tanto no passado como no presente.

Conforme Zircônia:

... hoje acontece ainda de alguns homens matarem suas esposas, só que não é mais para lavar a honra, mas por se sentirem donos de suas esposas. Os crimes de hoje ainda vêm daquele tempo antigo, porque mantém o pensamento: eu sou teu dono, se não fores minha não vais ser de mais ninguém. Eu acho que isso ainda permanece do passado, talvez pela nossa criação, apesar de toda a evolução... Eu não me vejo apanhando de um homem, sendo agredida, então eu não vivi isso, mas o que eu posso dizer é que eu sei que tem um círculo, onde fica difícil, e , eu estou me guiando por alguns casos que eu sei de pessoas que eu conheço (Zircônia)

Zircônia apresentou em sua narrativa já a interpretação do presente e sua orientação. A participante entende que ainda existem casos em que o homem pratica atos violentos contra sua parceira, porém a questão da morte pela honra para Zircônia é passado. Nesse ponto, ela demonstrou uma ruptura com esse passado. Segundo Rüsen, aqui o aprendizado histórico serve como forma de negar a identidade social com o modelo afirmado” (RÜSEN, 2010a), ou seja, ela negou a validade dos assassinatos como forma de lavar a honra. Para Zircônia o sentimento de posse é na atualidade o responsável pela violência e pelos assassinatos de mulheres. Diante disso, nota-se uma postura crítica a um fato do passado, que é o crime de honra e o reconhecimento da manutenção de outras práticas como regra à posse.

Também na narrativa de Zircônia ficou clara sua orientação mediante à experiência da telenovela, pois em relação à violência encenada e às mulheres submetidas a esse tratamento,

a participante negou sua própria sujeição à violência, fato evidenciou na fala “Eu não me vejo apanhando de um homem, sendo agredida”. Deste modo Zircônia demonstrou “autoconfiança na refutação de obrigações externas” (RÜSEN, 2010a: 63), ou seja, ela nega-se a se submeter à imposição da prática da violência, mesmo que as ações violentas contra as mulheres permaneçam como parte integrante na cultura masculina.

A capacidade de influência da mídia foi percebida por Ágata

... me chamou atenção na época, até porque se divulgou muito na mídia foi aquele coronel que matou a esposa. Me chamou muito a atenção, acho que pela questão do machismo, da impunidade, até porque para acontecer tudo aquilo, as coisas aconteciam como aquela pessoa determinava (Ágata)

Ágata demonstrou em sua fala a percepção sobre a forma como a mídia tratou a cena da morte da personagem Sinhazinha. Com isso, evidenciou uma interpretação da telenovela como um documento do presente, ou seja, apresentou sua experiência do presente em relação à telenovela.

...como as nossas biografias estão abertas para experiências mediadas, nós também nos sentimos atraídos por relações sociais que ultrapassam o ambiente que vivemos. Nós nos descobrimos não apenas como espectadores de eventos e de outros distantes, mas também envolvidos com eles de alguma maneira. Somos liberados dos locais de vida cotidiana somente para nos descobrirmos dentro de um mundo de desconcertante complexidade. Somos chamados a formar uma opinião, a tomar uma decisão, ou até assumir alguma responsabilidade por questões e ventos que acontecem em partes distantes de um mundo em incessante e crescente interconexão. (THOMPSON, 2009 b: 202)

Com isso, podemos entender que a participante percebeu a ideologia da emissora e do autor ao ressaltar as cenas sobre a morte da Dona Sinhazinha, ou seja, a participante entendeu a tentativa de provocar a formação de opinião em relação às cenas apresentadas.

Com relação à experiência do passado pela telenovela, revelou a questão do machismo e da impunidade, aliando isso à determinação e ao mando do coronel, pois foi exibida nas cenas da telenovela a possibilidade do coronel Jesuíno ficar impune pelo assassinato de sua esposa e do amante da mesma, devido ao fato de ser amigo e aliado político do coronel Ramiro, o qual mandava naquela região. O enfoque dado pela mídia as cenas da telenovela despertaram a atenção da participante, e, com isso, possibilitaram o desencadeamento do processo de aprendizagem, o qual somente se fez em primeira instância, visto que a narrativa de Ágata somente apresentou a compreensão do conteúdo do passado, mas não a sua interpretação e orientação.

CASAMENTO

Com relação ao casamento, foram construídos pelos participantes três saberes distintos: mais uma condição de submissão da mulher ao homem, uma condição necessária para que a mulher tivesse o reconhecimento, a união entre homem e mulher onde a traição masculina era aceita socialmente.

De acordo com Saad (2008), o conceito de casamento está sujeito a vários elementos, como:

... os fatores sociais e religiosos, épocas e regiões diferentes semearam terrenos férteis a revelar, ao longo da história, as premissas diversas que orientaram sociólogos, religiosos e juristas na tentativa de formular uma definição universal de família conjugal. (SAAD, 2008: s/p)

Deste modo, os elementos que caracterizam o casamento mostram-se diferentes tanto na conjuntura histórica como na regional, e incidem sobre a forma, o conteúdo, a capacidade ou a autonomia de vontade, recaindo sobre concepções puramente morais ou filosóficas e, sobre a disciplinação jurídica. Diante disso:

... não há um conceito que possa atender a todos os regimes jurídicos, pois a evolução histórica e social traz novos elementos substanciais que alteram o conteúdo e a estrutura matrimoniais” (SAAD, 2008: s/p)

Conforme Saad (2008), na concepção de Virgílio de Sá Pereira, o casamento é uma convenção criada pelo homem para disciplinar o que foi criado pela natureza – a família, o casamento estabelece a sociedade entre duas pessoas, o que acontece mediante o consentimento de ambas. Situação que dá origem a família nuclear bem como os efeitos jurídicos pessoais e patrimoniais que são oriundos dela.

Nas narrativas de Jade e Ametista o casamento no período coronelista era mais uma forma de submissão da mulher ao homem.

....começam as histórias que a gente sabe que aconteceu, da esposa ter que obedecer o marido, a mulher como objeto que foi demonstrado pela Sinhazinha que tinha que ser submissa ao marido. As filhas e netas tinham que cumprir a vontade dos pais dos avôs que mandavam em todas as mulheres, no caso, a mulher não tinha direito. O casamento era arranjado. A mulher tinha que casar com o homem que o pai escolhesse. Ainda se mantém a cultura da mulher casar, porque ainda se fala da mulher não ter casado, é solteirona, sempre alguém fala. Mas, a mulher consegue estudar, hoje já mudou, primeiro a mulher estuda e depois pensa em casar (Jade)

A Sinhazinha que era mulher do Jesuíno, que ficou marcada com aquela “se apronte que vou lhe usar” (risos), mostra que o marido era dono da mulher, o poder que ele tinha sobre ela (Ametista)

Tanto Ametista quanto Jade construíram a ideia da mulher como objeto, o que ficou evidente nas palavras “a mulher como objeto” e “vou lhe usar”. A mulher era um ser que não tinha direito de escolha, nem de seu próprio marido, pois os casamentos eram arranjados.

Ambas as participantes relataram a questão da submissão da mulher, fato este descrito na historiografia:

Depois de casar, a mulher se libertava do poder de seu pai mas caía nas entranhas do poder do marido passando a mesma a obedecer a um ser construído de esposo. Pois a mesma tinha nascido e sido educada a servir a esse novo ser. Tendo assim uma identidade definida desde o momento em que a parteira dizia que era do sexo feminino (SANTOS, 2006: s/p).

A submissão ocorria a partir do nascimento, no momento em que o recém-nascido era declarado do sexo feminino. Assim, primeiro, a menina ou a moça era submissa ao seu pai, e, quando mulher casada, ao marido.

Estando o sexo feminino submisso à vontade do masculino, como já foi mencionado, a ideia sobre os casamentos arranjados formada pelas participantes se fez consistente, visto que o casamento arranjado era comum, principalmente no caso das moças, pois este era arranjado pelos pais sem a vontade das mesmas, “mas os homens também não estavam livres de se casar com mulheres mais velhas, que mal conheciam...”(SANTANA, 2011: 102). Deste modo, o casamento arranjado era banal, principalmente no caso da mulher, pois esta não poderia questionar a vontade de seus pais, porém os homens não estavam excluídos do mesmo destino.

As participantes compreenderam o conteúdo a respeito da mulher no período, pois ela era um objeto de troca no que tangia a questão política e um objeto de satisfação sexual do marido. Assim, entendemos que as narrativas de Jade e Ametista mostraram aprendizagem histórica, pois, conforme Rösen (2010a) ambas demonstraram aumentar o conhecimento sobre o que aconteceu no passado, mediante a experiência com a telenovela.

Na percepção de Zircônia:

Nos tempos antigos a gente notava que a mulher não tinha voz ativa. O casamento era um acordo entre os pais, não tinha amor, era só baixar a cabeça e aceitar o que o marido estava mandando. A mulher só ficava dentro de casa, não tinha voz porque em tudo estava o coronel atrás, imagina outras situações como sair na rua, ir à igreja, até isso era proibido algumas vezes, então a mulher não tinha voz para nada. O casamento era uma imposição, não digo na minha época, existiam mulheres dependentes e os pais criavam os filhos e principalmente as filhas só para o casamento, porque achavam que estudar não era necessário (Zircônia)

Notamos que Zircônia apreendeu os mesmos conteúdos descritos por Jade e Ametista, pois alegou que a mulher não tinha voz ativa, que nos casamentos não havia o sentimento do amor, pois era um arranjo entre os pais dos nubentes, e a mulher caberia um ideal de comportamento que “era o da submissão, porquanto deveria servir ao marido, à família e a Deus, como convinha aos ensinamentos da Igreja, uma das gestoras e mentoras dessa sociedade” (SANTANA, 2011: 101). Portanto, estando a mulher submetida a este ideal de comportamento social, definido em grande parte pela Igreja, era transfigurada num ser sem

vontade própria, não podendo questionar a vontade do homem, restando-lhe uma posição de submissão.

Zircônia seguiu sua narrativa descrevendo sua própria experiência com o casamento:

...sou casada já há 33 anos, então vou falar do meu casamento. Eu tenho liberdade de expressão, de sentar e conversar, de expressar o que eu sinto em qualquer ocasião. A relação entre homem e mulher mudou, eu digo isso porque tive uma vivência com os meus pais de um casamento conturbado, no regime de antigamente.... Eu posso dizer que estou num mundo completamente diferente (Zircônia)

A participante nos descreveu que seu casamento é diferente daqueles mostrados nas cenas da telenovela. Que em sua relação existe liberdade de expressão e na expressão “A relação entre homem e mulher mudou” demonstrou entender que a relação entre os casais vem se transformando.

Zircônia explicou que vivenciou também a experiência do casamento de seus pais, neste momento não era a protagonista da relação, mas uma coadjuvante. Contudo, tem em sua memória esta experiência que tem uma qualidade temporal diferente da atual e da representada na telenovela e que proporciona maior aprendizado (RÜSEN, 2012), pois lhe permitiu experienciar o tratamento à mulher na relação matrimonial em diferentes épocas. Foram essas experiências de temporalidades distintas, as quais são reconhecidas pela participante, que lhe permitiram compreender que o relacionamento entre homens e mulheres dentro do casamento evoluiu ao longo dos tempos (RÜSEN, 2010a). Este fator apontou para uma consciência histórica genética, pois Zircônia através da fala “eu vivi esse lado do casamento com os meus pais, e hoje eu vivo o meu. Eu posso dizer que estou num mundo completamente diferente do que eu imaginava de um casamento” não negou as relações matrimônias anteriores a sua época, mas constatou uma mudança.

A ideia do casamento como reconhecimento social para a mulher foi construída por Jade e Pérola conforme as narrativas a seguir:

.... ele casa de novo e tinha duas senhoras que eram pretendentes dele e pra elas também era normal ele ter matado a dona Sinhazinha....ele era idolatrado por elas. Primeiro porque elas eram solteironas então, quando ele quis casar de novo elas acharam que podia ser com elas e isso seria muito bom porque elas iam sair dessa condição que não era bem aceita pela sociedade. Depois porque todo mundo pensava que ele tinha mesmo que lavar a honra e a mulher não tinha nenhuma lei que a protegesse (Jade)

Jade referiu-se ao coronel Jesuíno que após assassinar Dona Sinhazinha, sua primeira esposa, buscou na comunidade outra mulher para substituí-la. Ocorreu que as irmãs dos Reis consideraram que uma delas poderia ser sua noiva e segundo a participante sair da condição de solteirona para serem mais valorizadas socialmente. Naquele período, quando nascia uma menina, ela já tinha o seu destino traçado, pois ela seria educada para o casamento. Além disso,

a mulher que chegava ao casamento e não conseguia mantê-lo seria responsabilizada por isso, pois as mulheres do século XIX e XX somente eram consideradas senhoras respeitadas porque eram casadas (SANTOS, 2006), fato que, como entendeu Jade, colocou o casamento como responsável pelo reconhecimento social da mulher.

Conforme Pérola:

O casamento, até na minha família, tinha que casar de véu e grinalda. Uma menina que aparecesse grávida, era expulsa de casa, já não tinha amizade mais de uma moça, não tinha de mais ninguém”.... Naquele tempo o casamento era muito importante para a mulher, porque se achava que com a mulher casada o marido tinha obrigações. Só sendo casada que ela podia construir uma família, se não os filhos seriam bastardos. (Pérola)

Observamos que Pérola reafirmou a ideia do casamento como motivo de reconhecimento social, pois somente as mulheres casadas podiam construir uma família respeitada. Ela acrescentou a experiência obtida nos casamentos de sua própria família, revelando a construção de outro saber a importância do véu e da grinalda, símbolos de pureza que remetem imediatamente a ideia da virgindade. Saber que também esteve presente nas cenas protagonizadas por Lindinalva e de Berto na telenovela.

Sobre a virgindade, na historiografia encontramos que as mulheres que perdiam a virgindade antes do casamento eram desonradas, manchavam e se constituíam como uma vergonha para suas famílias, sendo, punidas por isso com o ódio da sociedade (FOLLADOR, 2009). Situação que vem ao encontro da fala “Uma menina que aparecesse grávida, era expulsa de casa, já não tinha amizade mais de uma moça, não tinha de mais ninguém” que foi mencionada pela participante Pérola. Este fato evidenciou apreensão do conteúdo mostrado na telenovela e caracterizou a narrativa de Pérola como aprendizado histórico.

Segundo Granada:

Antigamente a mulher era criada para casar e ter filhos para proliferar. Elas se moldavam aos hábitos... não tinham reconhecimento profissional, cultural, elas eram esposas de fulano e nada mais ou...mães de cicrano e nada mais. Hoje a mulher que quiser ter filhos os tem, se não quiser tanto faz. Ela não precisa mais demonstrar seu reconhecimento social através de um casamento porque o reconhecimento social se ocorre através da cultura, da educação, da sua formação (Granada)

Para Granada a mulher era educada para casar e ter filhos, não lhes cabia outro tipo de reconhecimento social a não ser o de esposa e de mãe. Porém Granada comparou presente e passado e destacou que a mulher de hoje somente conceberá filhos se tiver vontade de tê-los e não os terá por uma imposição social. Da mesma forma, houve uma mudança no status do casamento, pois ele ainda permanece, mas não é mais o motivo de reconhecimento social para a mulher, uma vez que ela é reconhecida por sua cultura, educação e formação.

A mudança na mentalidade social pontuada por Granada, conforme Follador (2009), ocorreu a partir da década de 1970, pois foi mostrado por meio de pesquisas, a libertação feminina do que socialmente lhe havia sido imposto, entrando nas pautas de discussão questões relacionadas à saúde, ao sexo, a maternidade, casamento entre outras, as quais envolviam o gênero.

Granada seguiu sua narrativa:

Hoje a gente até vê conceitos de família diversificados, mas a essência do conservadorismo se mantém. Tanto se mantém que permanece a imagem do casamento entre um homem e uma mulher, então se tudo fosse liberado poderia ser uma imagem entre dois homens, ou duas mulheres, mas nós não conseguimos ainda nos adaptar a estas mudanças. Eu acredito que algum dia nós possamos aceitar sem críticas esses novos conceitos de família. (Granada)

Para Granada a sociedade ainda mantém traços do conservadorismo. O casamento, mesmo na atualidade sendo possível entre pessoas do mesmo sexo, mantém a imagem tradicional da união entre homem e mulher. Finalmente ela revelou sua orientação, para a aceitação da mudança, a qual entende que será lenta devido aos conceitos conservadores que provém de outra época.

Foi possível perceber todas as etapas do processo de aprendizagem histórica na narrativa desta participante. Conforme Rösen (2009a), inicialmente ela compreendeu o conteúdo acerca do casamento em outra época e entendeu que se tratava de uma outra temporalidade, depois ela comparou presente e passado, finalmente expressando sua orientação para o presente e futuro pela fala “mas nós não conseguimos ainda nos adaptar a estas mudanças. Eu acredito que algum dia nós possamos aceitar sem críticas esses novos conceitos de família”, pois entendeu que houveram mudanças e que a sociedade ainda não conseguiu se adaptar inteiramente a elas, mas acredita que isso acontecerá no futuro.

De acordo com a participante Turmalina

“No passado era aceito que o homem traísse. Eu me lembro de uma tia-avó falando, que o marido dela era um homem muito bom, mas que ele desejava coisas que mulheres direitas não faziam, então ele frequentava casas de prostituição como os coronéis” (Turmalina)

Turmalina comentou a experiência de casamento de uma tia-avó. Alegou que, segundo sua tia, os homens traíam porque desejavam “coisas” que mulheres de família não faziam. Isso, de acordo com a historiografia ocorria por que:

A relação sexual no casamento tinha que respeitar algumas determinações, servindo mais aos propósitos da reprodução do que ao prazer sexual propriamente dito. As mulheres de família deviam ter um comportamento mais recatado durante o ato sexual, motivo pelo qual os homens procuravam a satisfação de seus desejos sexuais com outras parceiras, amantes ou

prostitutas (MAZZIEIRO, 1998). Assim, entendemos que a colocação da experiência obtida por Turmalina através das memórias de sua tia justifica-se através da historiografia.

A traição de uma mulher era a morte. Deus nos defenda que uma mulher traísse o marido, que uma filha aparecesse grávida, que uma filha fugisse de casa. Já o homem podia trair a vontade, a mulher sabia, mas, não se importava. Ela sabia o que o marido fazia, mas fazia que não via, a mulher aceitava tudo. Elas tendo conforto é o que valia, homem era homem diziam elas. (Pérola)

Pérola relatou a questão do adultério, que quando oriundo da mulher, além de submeter à família a desonra, poderia impor um intruso a família, ou seja, um filho fruto da relação extraconjugal. Já o adultério masculino era aceitável e os filhos que surgissem deste ato não se constituíam como desonra. Diante disso, o autor pontuou que as relações de gênero se mostraram distintas entre os sexos. Em primeira instância, o homem podia trair e a mulher não; já, numa segunda instância, o adultério feminino era usado como justificativa para crimes de honra (AZEREDO, SERAFIM, 2012), fato este representado na telenovela, pois o coronel Jesuíno afirmava que havia matado a esposa, Dona Sinhazinha, porque o havia traído.

Percebemos que, Pérola e Turmalina foram unânimes na construção do saber sobre a traição masculina como parte do casamento. Seus saberes foram construídos mediante a experiência com a telenovela, estando alinhados aos apontamentos da historiografia. Na construção deste saber observamos uma aprendizagem histórica parcial, pois nem todas as operações mentais foram processadas, já que as participantes demonstraram apenas a operação mental da experiência. Notamos que ambas acrescentaram suas próprias experiências familiares, momento que mostraram maior possibilidade de aprendizagem. No entanto, não realizaram a operação mental da interpretação e da orientação fim ao qual a aprendizagem histórica se propõe.

Compreendemos que os saberes que subsidiaram a temática sociedade, tal qual preconizou Rüsen, surgiram como forma de responder a questionamentos, carências de orientação dos participantes. Deste modo, comprovamos que não é o conteúdo em si ou a quantidade deste que incide sobre a educação histórica, mas a necessidade de orientação sobre determinado assunto que desencadeia o processo de aprendizagem.

O aprendizado ocorreu de forma distinta entre os participantes, fato evidenciado pela metodologia do estudo de casos múltiplos, a qual permitiu conhecer cada processo de aprendizagem, estando incluso nele a forma com que o conteúdo histórico foi apreendido, o reconhecimento dos fatos encenados na telenovela como pertencentes a outra temporalidade, a forma com que foram interpretados, ou seja, como foram reduzidas as diferenças temporais

entre presente e passado e futuro, a fim de re-significar os fatos e a forma com que os telespectadores orientaram-se para a práxis cotidiana.

Alguns dos telespectadores lançaram mão de experiências próprias, ocorridas numa temporalidade distinta da atual, ou seja, do seu presente histórico na interpretação dos fatos representados em Gabriela para descrever a evolução de um determinado conteúdo exibido na telenovela, prática que elevou seu nível de aprendizagem.

Dentre as narrativas encontramos o tipo exemplar, crítico e genético, predominando este último. Percebemos que as narrativas vistas individualmente, não se classificaram de forma igual para os saberes construídos, pois os participantes transitaram entre os vários tipos de narrativa, conforme o tipo de saber, demonstrando que sua consciência histórica oscila em conformidade com o assunto que está sendo explorado.

Finalmente podemos afirmar que a consciência histórica de cada um dos participantes sofreu influência da experiência de assistir a telenovela “Gabriela”, pois ao narrar os fatos envolvendo a temática sociedade os indivíduos realizaram operações mentais que incidiram sobre sua própria postura histórica. Deste modo, podemos dizer que a aprendizagem histórica aprimora a consciência dos homens empoderando-os para a tomada de decisões, que poderão de alguma forma, interferir na história da qual são partícipes.

BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, Jeferson Luis de; SERAFIM, Jhonata Goulart – *Relações de gêneros: (des)construindo conceitos a partir dos códigos penais de 1890 e 1940* <<Rev. Técnico Científica (IFSC)>> série I, vol. 3 (2012), p. 432-446 Disponível: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/view/598> (Consulta realizada em 09/08/2014)

BARDIN, Laurence – *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BESSE, Susan K. *Crimes passionais: a campanha contra os assassinatos de mulheres no Brasil 1910- 1940* <<Rev. Bras. de Hist.>>, XVIII série, Vol.9 (1989), p. 181- 197. Disponível: http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=23

(Consulta realizada em 06/07/2014)

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11^a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. Disponível: http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=23

[//www.capitalsocialsul.com.br/capitalsocialsul/analisedeconjuntura/DICION%C3%81RIO_DE_POL%C3%8DTICA%5B1%5D.pdf](http://www.capitalsocialsul.com.br/capitalsocialsul/analisedeconjuntura/DICION%C3%81RIO_DE_POL%C3%8DTICA%5B1%5D.pdf) (Consulta realizada em 22/07/2014)

BRASIL. *Presidência da República*. Lei Nº 11.340. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm (Consulta realizada em 04/08/2014)

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. *A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental*. << Revista fato & versões >>, II série, vol. 1(2009), p. 03-16. Disponível: http://www.academia.edu/3784126/A_MULHER_NO_PATRIARCADO_BRASILEIRO (Consulta realizada em 05/08/2014)

MARIUCCI, Elza Marques da Silva; NALESSO, Ana Patricia Pires. *A mulher na perspectiva do mercado de trabalho no Brasil*. <<Iniciação Científica CESUMAR>>, Edição Especial, série I, vol. 8 (2006), p.43-48. Disponível em: <http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/iccesumar/article/view/135/73> (Consulta realizada em 04/08/2014)

MAZZIEIRO, João Batista. *Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e outros delitos - São Paulo 1870/1920*. <<Rev. bras. Hist>>, série XXXV, vol. 18 (1998), sp. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100012 (Consulta realizada em 04/08/2014)

POPE, C.; MAYS, N. *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RÜSEN, Jörn. *Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica*. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende (org). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010 a, p.79-92.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizado histórico*. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende (org). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010 b, p. 41-50.

RÜSEN, Jörn. *O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa a consciência moral*. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende (org). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010 c, p. 51-78.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A. Editores, 2012

SAAD, Martha Solange Scherer. *Casamento: a complexidade do conceito*. <<Universidade Presbiteriana Mackenzie>>, 2008, sp. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FDir/Artigos_2008/CASAMENTO_a_complexidade_do_conceito_Martha_Saad.pdf (Consulta realizada em 06/08/2014)

SANTANA, Rosemere Olimpio de. *Práticas amorosas e afetivas na Paraíba (Séculos XIX e XX): O papel da família, da igreja e do estado nas tentativas de regularização social*. <<Veredas da história>>. Ano IV - Ed. 2 2.º Semestre de 2011– 2011. Disponível em: http://veredasdahistoria.kea.kinghost.net/edicao6/DOSSIE_06.pdf (Consulta realizada em 06/07/2014)

SANTOS, Cristiane Lima. *Mulheres Honestas, Homens Honrados: a honra sexual entre o tradicional e o moderno – Feira de Santana (1940-1960)*. << Anais do XIX encontro regional de história: Poder, violência e exclusão>>. ANPUH/SP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Cristiane%20Lima%20Santos.pdf> (Consulta realizada em: 22/05/2014)

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 11ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes: 2009 a

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 8ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes: 2009 b.

YIN, RK. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.